



(imagem colhida na Internet)

No domingo, 27 Outubro, estando a aveia a acabar em casa, tinha definido para segunda-feira, 28, sair para a comprar no lugar específico onde a compro, no Estoril. Sendo a deslocação a pé e o volume e peso significativos, como o dia amanheceu a ameaçar chuva, adiei para o dia seguinte. Porém, em torno das 15h senti-me irrequieta, numa necessidade de sair sem saber onde, e como não tinha chegado a chover, justifiquei essa necessidade retomando o plano inicial de ir comprar a aveia.

Seguindo na direcção Estoril por dentro, como faço na maioria das vezes, ao chegar a uns metros da estação de São João do Estoril, notei ajuntamento de pessoas, polícia, ambulância, bombeiros, um comboio parado no sentido Lisboa antes de chegar à gare e a passagem de nível interdita. Deduzindo de imediato o que tinha ocorrido, sem parar atravessei para o outro lado pela passagem subterrânea da estação e segui o meu caminho. No regresso, estando já a situação resolvida, fui então confirmar com um dos polícias se alguém tinha sido atropelado, ao que ele respondeu que duas pessoas tinham sido colhidas, uma morreu e outra sobreviveu. Antes disso ele tinha-se antecipado a dizer-me que já podia atravessar, o que eu teria feito normalmente, mas não pude passar por ali após o sucedido, ao contrário de pessoas que por ali andam com o olhar em busca de vestígios. Atravessei novamente pela passagem subterrânea. De

retorno a casa com um pesar, quis pesquisar notícias sobre a ocorrência.

Encontrei algumas informando sobre o motivo da interrupção da circulação de comboios naquele período, que foi suficiente para me dar a saber que o atropelamento tinha ocorrido na hora-minuto em que senti a irrequietude e saí de casa, chegando lá cerca de 10 minutos depois. Antes de passar ao ponto focal desta minha narrativa que teve esse ponto de partida, vale dizer:

Infelizmente esta é uma ocorrência ainda frequente, e que evoca em mim inúmeras outras no meu passado, tendo eu crescido a poucas dezenas de metros de uma estação de comboios na Linha Sintra-Lisboa, que era passagem obrigatória na minha circulação normal diária. Tinha vários sonhos em que me encontrava a atravessar a linha quando vinha um comboio, e alguma força parecia impedir-me de subir para a gare. Os sonhos só focavam essa retenção, essa sensação de inevitabilidade involuntária, como que a dar-me a conhecer o que sentiriam as pessoas momentos antes de serem vítimas desses terríveis atropelamentos, que eram perfeitamente evitáveis, mas as pessoas eram levadas a arriscar atravessar em situações limite. Ou seja, em algum grau, foi dramático para mim crescer em contacto com isso, sem o poder evitar. No presente, as últimas estações nesta Linha Cascais-Lisboa a fazerem obras de construção de passagem subterrânea foram justamente a de São João e São Pedro, nesta última sendo eliminada a passagem de nível, quer para pessoas quer para veículos, e na de São João mantendo-se tal passagem para pessoas e veículos, no modo automatizado actual, que inclui sinalização luminosa para pessoas. Nesta estação, raramente as pessoas utilizam a passagem subterrânea, quer por comodismo quer por dificuldade quer por receio de actos de vandalismo que tendem a associar-se a estas passagens, repletas de graffiti invasivo na linha tag. Então, a maioria de nós atravessa seguindo a regra das antigas placas como a que ilustrei no topo - PARAR, OLHAR, ESCUTAR - e caso ainda não esteja nenhum comboio à vista, atravessar, mesmo com o sinal vermelho. Outras pessoas, seja por pressa, distração, excesso de confiança, ou imprudência, como é o caso de idosos, atravessam sem noção e sem medir consequências, apenas porque podem, porque não há ali nada a impedir, a não ser a sua consciência, que, por um persistente fenómeno, parece eclipsar-se perante a ideia prevalecente de prosseguir o trajecto sem ter de esperar.

Retomando o foco da narrativa, ao consultar as notícias, outras me apareceram de ocorrências semelhantes noutras datas e locais, mas uma destacou-se em repetidos registos, uma vez que a minha pesquisa incluía 'estação de São João do Estoril atropelamento':

Um jovem de 22 anos tinha sido atropelado dois dias antes, sábado 26, junto à mesma estação (na linha fora da gare), sendo fatalmente atingido no pé direito ao ponto da amputação na zona do tornozelo.

O choque multiplicou-se, não só pelo que tinha acabado de testemunhar e o que esse tipo de ocorrência evoca em mim, mas também porque reconheci o jovem, actor desde criança, tendo participado em duas telenovelas portuguesas, que crianças e jovens gostavam de ver no tempo em que os meus filhos eram crianças. Mas parecia não ser só daí. Partilhei com os filhos e logo os dois responderam que se lembravam dele, e Afonso, da mesma idade dele, recordou que ele tinha sido colega de turma dele e que tinha chegado a ir a casa dele e conhecido a mãe. Uma foto de mãe e filho numa das notícias completou a lembrança dele e minha da mãe do jovem. Perante isto, algo me dizia que a minha saída repentina sincronizada com aquela ocorrência se destinava a dar-me a conhecer esta outra ocorrência e a história recente envolvendo esse jovem. Opto por não partilhar aqui o nome dele nem quaisquer links, embora seja fácil de encontrar por quem sinta essa necessidade.

Nessa associação aos filhos, veio-me a lembrança desta foto que tirei deles no Parque Marechal Carmona em Cascais, em 2010, propondo-lhes esta pose divertida, sendo Alexandre destro e Afonso canhoto.



E outras peças anteriores se juntaram:

Na noite anterior, 27, tinha visto um conteúdo online que acabou por focar os pés e atenção ao caminhar, assim como tinha passado os olhos num título relacionado à Lua Nova em Escorpião em 27-28 que focava em PARAR, e ainda um vídeo em que uma pessoa cola uma asa de borboleta morta numa borboleta viva que tinha perdido parte de uma das asas e ficado incapacitada de voar. Este vídeo pareceu surpreender muita gente com a indicação “Recomendado para si” aparentemente sem quaisquer associações anteriores. Para mim foi particularmente chocante ver cortar com uma tesoura a extremidade da asa parcialmente perdida, como se não houvesse vida naquele membro danificado. Teria sido perfeitamente possível colar a outra asa por cima, mantendo assim mais tecido irrigado e nervoso para o movimento da asa. Ainda assim, a borboleta teve uma nova chance e lançou-se no seu voo.

Também eu tive em casa uma borboleta dourada artificial que me foi oferecida e que um dia teve parcialmente queimada uma das suas asas. Vi sempre nisso o espelho de um acto passado meu equivalente a esse tipo de dano. Quando nos sentimos impelidos a estabelecer uma ponte especial com alguém, e esse alguém não recebe esse movimento na mesma sintonia, levando a uma distorção e negação da energia original, que em alguma medida procuramos corresponder, sem percebermos ainda a dimensão da dissonância e suas repercussões.

O resultado tende a ser *broken wing / broken heart*.

E nesse caso, a reparação não se faz por recorte e colagem, é preciso que nasça uma nova asa, genuinamente, não artificialmente.

Tendo lido a respeito de alegados distúrbios de personalidade ligados à família e à actividade precoce como actor desse jovem, aliados à falta de oportunidades profissionais nessa área no presente, não pude evitar ver nesse seu grave acidente uma acção extrema da Vida a fazê-lo PARAR, para o impedir de outros actos impensados, trazendo a sua atenção para o interior.

Senti emergir uma convicção de que há muita Vida por revelar neste jovem, incluindo Dons autênticos ainda desconhecidos que rectificarão a sua rota, ao mesmo tempo que trarão à tona, e quem sabe a público, a

Verdade que clarifica os factos acima das alegações. A Verdade transformará a sua fragilidade em potência. A potência revelada talvez não o oriente de volta à prática do skate de que tanto gostava e onde se refugiava, mas dá-lhe agora a chance de vir a conhecer e usar as suas Asas, como quem se liberta de uma prisão e descobre o seu destino de monarca, deixando para trás a velha herança e pousando na Terra com o seu próprio pé . . .



. . . em firmeza, equilíbrio, atenção renovados,
antes desconhecidos . . .



Estas duas fotos foram tiradas por mim no mesmo parque em 2017, em que tirei uma sequência de fotos só ao pé esquerdo, evocando o filme que vi por essa altura pela primeira vez, *My Left Foot* (1989), baseado na história real de um homem, brilhantemente interpretado por Daniel Day-Lewis, um actor incomum, pela sua inevitável profundidade e autenticidade.

A segunda foto já a partilhei antes, a ilustrar um tipo de enraizamento Terrestre muitas vezes desconectado da Fonte Celeste, que para mim equivale a ter terra mas não ter Solo, a real espiritualidade Aqui.

Foi então relevante aperceber-me que nessa segunda-feira de manhã me tinha vestido de castanho-escuro. Foi isso que quis registar na foto em frente ao espelho tirada à noite, que, tendo saído com *flash*, fez desaparecer totalmente a minha roupa cor da terra, mas acendeu a luz no lugar a partir do qual tudo é possível:

“It’s in here battles are won!”

Some walls may be benign,
depending on what you’re walling-in or walling-out.

PARA
ESCUТА
OIHA



Este conjunto publicado nessa noite foi a síntese expandida que se impôs. Tal como a VIDA em nós se impõe, fazendo PARAR, para a Terrar de N*OVO.

(continua na página seguinte)

Post Scriptum



Em 17 Novembro, acabo de tomar conhecimento deste filme:

J'ai perdu mon corps
I lost my body

No seguimento desta minha narrativa no seu todo, vale a pena ver os dois trailers diferentes acima, e tomar conhecimento do que moveu este filme de animação nesta mesma reportagem em PT e FR abaixo.

Uma mão amputada numa animação de sucesso
L'incroyable histoire d'un film d'animation français

Esta sincronia do pé para a mão, além de falar por si mesma, convida-nos a descobrir o que este Fio Condutor tem a revelar no seu desdobramento, enquanto outros fios parecem aprisionar, adiar, impedir a inevitável Reunião das partes com o Ser Total, Aqui.



É costume dizer-se que o que procuramos também nos procura.
Aqui, o mesmo pode dizer-se para o que se perdeu, ou se deu como perdido.

Por mais que a parte se tenha separado do todo, e o caminho de retorno passe por becos escuros e aparentemente sem saída, sempre se acenderá a chama que chama aquele que souber PARAR, ESCUTAR, OLHAR . . .



... para então prosseguir guiado pela mesma Voz
que mutuamente Soa dentro-fora, de si-para-Si e de Si-para-si:



Aguardo o filme.

Grata a todos e a cada um pela Sincronia que nos Une,
mesmo sem contactos directos, subscrições, notificações, seguimentos,
nesta grande tessitura trans-espacial-temporal a que chamamos VIDA.

m.